

DIVERSIDADE, OCORRÊNCIAS E DISTRIBUIÇÃO DE RESSURGÊNCIAS CRIATIVAS DE ASSEMBLEIAS MULTIESPÉCIES ENTRE RUÍNAS DE UMA ILHA SUBTROPICAL: UMA ETNOGRAFIA¹

IVAN GOMES

RESUMO O ensaio que segue busca refletir sobre a paisagem como categoria e interlocutora etnográfica no campo da Antropologia no contexto do Antropoceno. Inicialmente buscamos apresentar, a partir de um brevíssimo relato etnográfico, as perspectivas analíticas que inspiraram os métodos adotados nas experimentações etnográficas. Em seguida, tratamos de descrever os eventos histórico-político-culturais que imprimiram e imprimem digitais nítidas na paisagem pesquisada: a Baía de Florianópolis, em Santa Catarina, Brasil. Por fim, apresentamos quatro fragmentos etnográficos experimentais, inspirados nos diálogos entre Tsing e Strathern, em que a comparação serve à descrição crítica, a fim de produzir analogias úteis à arte de notar as relações mais que humanas que compõem com a paisagem pesquisada.

PALAVRAS - CHAVE Antropologia da paisagem; Mar; Pesca.

¹ Uma das sínteses possíveis de dissertação de mestrado *Paisagens arriscadas: infraestruturas daninhas, assembleias multiespécies e ressurgências criativas na baía da Ilha de Santa Catarina*. 2020. Dissertação (Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

DIVERSITY, OCURRENCES, AND DISTRIBUTION OF CREATIVE RESURGENCES OF MULTISPECIES ASSEMBLAGES AMOUNG RUINS OF A SUBTROPICAL ISLAND: AN ETHNOGRAPHY

ABSTRACT The essay that follows seeks to reflect on the landscape as a category and ethnographic interlocutor in the field of Anthropology in the context of the Anthropocene. Initially, we seek to present, from a very brief ethnographic account, the analytical perspectives that inspired the methods adopted in ethnographic experiments. Then, we try to describe the historical-political-cultural events that imprinted clear fingerprints on the researched landscape: the Bay of Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Finally, we present four experimental ethnographic fragments, inspired by the dialogues between Tsing and Strathern, where the comparison serves the critical description, to produce useful analogies to the art of noting the more than human relationships that compose with the researched landscape.

KEYWORDS Landscape Anthropology; Sea; Fishing.

A IMAGEM DE UM PESCADOR REMENDANDO REDE EM SUA COZINHA PODE CONTER, INCLUSIVE, POTENCIAL POÉTICO

Fim de mais um dia de trabalho – sou servidor público atuando na área administrativa da Universidade Federal de Santa Catarina. Apago as luzes da secretaria, tranco a porta, me despeço do Rei, porteiro do prédio, e sigo em direção ao bicicletário. O sol de outono já se aproxima da linha tortuosa do Monte Serrat, anunciando que seu expediente por essas bandas da ilha também está se encerrando. A casinha mista, feita de madeira e alvenaria, alugada – quarto, cozinha, banheiro e sacada – em que morava, fica no bairro João Paulo, a cerca de 7km de onde eu trabalho. Considerado pelo senso geográfico empírico de alguns ilhéus, o bairro é o primeiro do Norte da Ilha. Para mim, é a distância perfeita para se locomover de bicicleta de casa para o trabalho, do trabalho para casa. No caminho, passo pelo manguezal parcialmente aterrado do Itacorubi, em que, entre outras edificações, um shopping center desponta com intenções de imponência. Pedalando pela ciclovia, beirando o que resta do manguezal, tento prestar atenção às coordenações de plantas que teimam em despontar, apesar das perturbações humanas. A maior parte do caminho é assim: de um lado os resquícios de manguezal, do outro pistas de rolamento automotivos de alta velocidade. Essa é uma paisagem comum na Ilha de Santa Catarina, em que impera a “dromotopia”, ou seja, “o excesso de espaços para a circulação de alta velocidade” (Santos, 1997, p. 66), resultando em uma necrose modernista e o sufocamento de outras habitabilidades possíveis no território ilhéu.

Assim que chego em casa, encontro a Dina cuidando da pequena horta que cultiva no quintal. Mostro as roscas que trouxe e ela logo vai passar o café. Na cozinha de sua casa encontro o Doca remendando rede – apesar de aposentado e com idade bastante avançada (se aproximando dos 70 anos), ele não deixa de se lançar ao mar, a procura de algo a mais do que os camarões que

arrasta... Conversamos e comemos com a naturalidade de quem faz isso desde antes de vir ao mundo. Em certo ponto da conversa, levei o assunto até a minha pesquisa. Falei sobre meu interesse em saber mais sobre como os aterros influenciaram a paisagem das baías e como isso reverberou em outros pontos da ilha. Seu Doca de pronto passou a contar que as alterações na Baía Norte também foram consideráveis. Que antes dos aterros, a maré era mais forte nos momentos de enchente – quando a maré sobe – e vazante – quando desce – e que, com o enfraquecimento, a quantidade de camarões puxados era consideravelmente menor; conseguiam matar em um par de horas o que hoje se leva, com sorte, uma noite inteira, de seis a oito horas. Informação indispensável: Doca nunca limitou seus lanços de rede ao perímetro do Saco Grande. Cacupé, Sambaqui e demais perímetros da Baía Norte foram e continuam sendo alvo frequente de suas incursões ao mar, o que nos permite perceber a abrangência dos impactos da perturbação causada pelos aterros no centro e na Beira Mar Norte. Além disso, lembra dona Dina, a habitabilidade na orla das praias do João Paulo sofreu radical alteração. Os aterramentos no centro e na Baía Norte resultaram na elevação do nível do mar nas praias dos bairros da Baía Norte. Como o João Paulo é o bairro do norte mais próximo das áreas aterradas, o aumento no nível das águas ali foi tanto que praticamente extinguiu as faixas de areias, tornando possível sua visualização e circulação somente em dias de maré baixa. Por ser um saco, ou seja, um pequeno recôncavo, uma pequena baía dentro da baía mais ampla, a elevação das águas se tornaram notáveis. Eu, que passei a morar no bairro quando suas praias já haviam se tornando ruínas, estranhava quando a maré baixava e era possível visualizar a faixa de areia e lama – para mim, o normal era sua ausência. Já para os “nativos da comunidade”, o “meu normal” era a ruína das práticas desenvolvidas na orla. Dona Dina dizia que o comum não era o remendo de rede na cozinha de casa, mas na orla da praia, diante dos ranchos dos pescadores, o que os mantinha em intenso contato diário. Com

2 <https://youtu.be/q7EZoPxhMxM>

3 <https://bit.ly/34D-tjUw>

4 <https://bit.ly/3vW-fQ5q>

*o engolimento das faixas de areia pelas águas empurradas pelos aterros e pela elevação do nível do mar devido ao aquecimento global², essa sociabilidade desapareceu.³. Incremento na alimentação, era comum, conta dona Dina, as coletas de berbigão nos finais de tarde nas praias do Saco Grande. No entanto, as perturbações na paisagem da Baía Norte extinguíram o molusco, desalojando-o da orla e afetando a sociabilidade mais que humana e fonte de alimento tradicional, vitalício e abundante da vida dos moradores da comunidade – humanos e não humanos. E os raros **tatus** ainda encontrados ali, carregam em sua carne bombas de Arsênico⁴.*

Memórias, socialidades e habitabilidades mais que humanas, fonte de sustento e nutrição, lazer. As histórias coletadas durante minha curta residência pelo bairro em que o “novo e o velho” coabitam de forma bastante peculiar e ao mesmo tempo comum, indicaram-me a potência das consequências que os aterros tiveram para afetar radicalmente não apenas o exato local em que foram realizados. Uma breve amostra de como as paisagens interagem no Antropoceno. A princípio, a imagem de um pescador remendando rede em sua cozinha pode conter, inclusive, potencial poético. Mas ao se aprofundar no gesto, podemos identificá-lo como consequência da perturbação da paisagem a qual esse e outros pescadores, assim como os berbigões das pedras, se viram forçados a abandonar, junto a todas as potencialidades sociopolíticas que a interação em um ecossistema propiciava. A extinção de determinadas práticas de lazer, como o futebol na orla ou se refrescar nas águas da baía, de pequenas coletas extrativistas, como do berbigão; o lento envenenamento por arsênico ou o impacto na pesca de camarões pode ser interpretado pelo ideário do progresso modernista como um custo baixo a se arcar. Nesse caso, há quem entenda que a contrapartida dos frutos do progresso certamente recompensa algumas perdas.



DESCRIÇÃO CRÍTICA, ARTES DE NOTAR E O *SABER ANDAR* COMO MÉTODOS

Um pescador pode ser um excelente bioindicador de que há uma complexa coordenação multiespécies na paisagem marítima (GOMES, 2020). Ao exercitar a percepção do mundo (*art of noticing* ou *arte de notar*) (TSING, 2019, p. 18), vê-se essa relação mais que humana, mobilizando a teoria antropológica de forma sutil, mesclada à política de justiça, a fim de compor uma *descrição crítica* das paisagens em análise (TSING, 2019). A descrição crítica, escreve Anna Tsing, é o esforço resultante de um experimento que considera a promessa de um conhecimento multiespécies “no qual a percepção da história natural e etnografia, bem como os instrumentos de construção do saber, avançam e recuam” (TSING, 2019, p. 66). Um experimento, continua ela, que “faz parte de um argumento maior para a descrição crítica, isto é, a arte de perceber o entrelaçamento das relações entre seres humanos e outras espécies por meio de escalas não aninhadas” (TSING, 2019, p. 66).

Os movimentos dinâmicos realizados em campo a partir de tais ideias inspiraram também a elaboração textual da etnografia, bem como sua organização. A diversidade de suportes – do desenho à poesia – se materializa de maneira ensaística, como uma espécie de tentativa de realizar a *descrição crítica* de uma paisagem diversa, percorrida de maneiras diversas pelo corpo do antropólogo que se propôs a registrar suas histórias.

Para exercitar algumas dessas artes de notar, foi adotado o caminhar pela paisagem, ao modo da cosmologia dos Pataxó que habitam próximos ao Monte Pascoal, como descrita por Thiago Cardoso, em sua tese Paisagens em Transe (2016), segundo a qual, o *saber andar* Pataxó, um “índice de sociabilidade”, seria “um valor a ser perseguido” (PEDREIRA citado por CARDOSO, 2016, p. 226). O caminhar entra aqui como método por entendermos que o *saber andar* tem muito a contribuir com a maneira pela

qual procuramos notar a paisagem, uma vez que o andar “envolve saber ler o clima e as suas variações sazonais e cotidianas, se vai chover ou não, se vai ter trovoada e compreender as mudanças que envolvem cada organismo na paisagem” (CARDOSO, 2019, p. 226). Assim, buscamos nos tornar experientes na caminhada, a fim de andar com “o corpo preparado”, a fim de “trazer os conhecimentos e benefícios de suas caminhadas e viagens” (CARDOSO, 2019, p. 226).

É por isso que a pessoa que ler este artigo/ensaio vai se deparar com um texto aberto, antitotalizante e potencialmente confuso. Isso é proposital. É a simulação do caminhar pela enormidade imponderável da paisagem. Vai ler como quem percorre becos e caminhos abertos pelo caminhar. Não há teleologia singular que dê conta dos modos de se percorrer uma paisagem mais que humana. Você está caminhando e “ué?, acabou a calçada!”; você dobra uma esquina e se depara com um inesperado, chamativo e maravilhoso estêncil na parede. Você só queria atravessar a ponte, mas é surpreendido pela dança alucinada entre pescadores e peixes; você está lendo um relato etnográfico e, na página seguinte, um desenho, assim, do nada. Mas... Seria mesmo do nada? Não conversa com a paisagem, com o relato, com o sentimento? Não afeta?

A esse fim, o de afetar, em que ajudaria a inserção de um mapa 1:50.000, se é com o corpo e seus diversos sentidos que se vive o andar e o percorrer? Além disso, levamos a sério o caráter excludente e limitante da cartografia (BEY, 1990), por isso, também, escolhemos não utilizar mapas na etnografia – ou utilizar mapas menos convencionais para nós cientistas. Nesse sentido, a aparente desconexão entre os fragmentos da paisagem aqui narrados busca transmitir a constante sensação de que percorrer caminhos é fazê-los e refazê-los, passo a passo, *ad infinitum*, sob a égide do dinamismo da paisagem. Os caminhos precisam ser trilhados, visto que “se cessar o caminhar, a trilha se fecha e com ela a memória” (CARDOSO, 2016, p. 240). Nesse sentido, este

ensaio é menos um mapa, do que um convite para mergulharmos na paisagem e seguirmos as trilhas que humanos e não humanos nos apontam nessa complexa malha – cada um à sua maneira, com seu ritmo e seu *mundo-próprio* (UEXKÜLL, 1982).

COLOCANDO PARA DANÇAR OS BINÔMIOS *PERTO-LONGE, PASSADO E PRESENTE*: UMA BREVE DISCUSSÃO CONCEITUAL SOBRE PAISAGEM E ANTROPOLOGIA A PARTIR DO CAMPO

Florianópolis – ou Ilha de Santa Catarina, Nossa Senhora do Desterro, Meimbipe –, é uma das três capitais estaduais brasileiras com a maior parte de seu território e de seus habitantes situados em uma ilha cercada pelo Oceano Atlântico. Em geral, capitais estaduais possuem alta densidade demográfica, ou seja, habitam e se chocam em seu território inumeráveis projetos de fazer mundo. Em Florianópolis, são projetos humanos e não humanos em combinação bastante específica e nem sempre harmônica, haja vista a peculiaridade de um ecossistema diverso, cercado pelo mar, com relativa área verde, largamente impactada pelas aceleradas e intempestuosas infraestruturas de modernização e urbanização que atravessaram o Brasil ao longo do século XX. Modernização e urbanização inspiram projetos de fazer mundo. Longe de abranger a totalidade, esses ideais estéticos, éticos e políticos, caros aos sonhos desenvolvimentistas tão constantemente presentes no imaginário econômico e sociopolítico brasileiro, competem, ou melhor, se impõem a outros projetos – politicamente minoritários, alternativos e soterrados pelas forças que alimentam a locomotiva do progresso. *Sistema de produção capitalista, imperialismo, aceleração, crescimento e desenvolvimento* são “detonadores” que também se manifestam, ao seu modo, na Ilha de Santa Catarina. A escolha pela noção de “detonadores” tem inspiração no ensaio de Anna Tsing *et al.* (2019), em que as

ÁGUAS



paisagens do Antropoceno são analisadas sob um prisma que reconhece os efeitos daninhos em paisagens multiespécies, a partir da instalação de infraestruturas antropogênicas.

Exemplos dos colossais fenômenos mortíferos resultantes de infraestruturas no planeta são inúmeros e, infelizmente, não cessam de se multiplicar. Tomo emprestada de Anna Tsing (2021) a noção de *infraestrutura*. A antropóloga caracteriza infraestruturas como projetos que alteram a água, a terra e a atmosfera, variando desde as *plantations* às fabricas e transações internacionais (TSING, 2021). São obras públicas de projetos materiais de transformações da paisagem. O impacto que tais projetos de fazer mundo tiveram, têm e terão nas vidas e mortes ao redor do planeta, bem como a imensa abrangência da conexão entre os fenômenos resultantes dessa ingerência *irresponsável* – porque não quer responder a nada, nem a ninguém – nos insere no Antropoceno.

Reconheço alguns limites e potências que a noção de Antropoceno carrega consigo. É preciso que, ao evocar sua cartografia conceitual, não nos esqueçamos de que a referência ao *antropos* não deve ser generalizada, é preciso reconhecer as especificidades dos humanos aqui referidos. Ademais, não nos interessa tampouco demarcar a origem dos eventos que realizam o Antropoceno: se nas invasões do mundo não Europeu em meados do século XV, na sedentarização de certas comunidades humanas a partir do aprimoramento de técnicas agrícolas, há cerca de 12.000 anos, ou ainda na revolução industrial capitalista do século XIX (TSING, 2019). Demarcações dessa natureza tendem à linearidade teleológica. Interessa-nos mais anotar e contar histórias acerca de seus processos e implicações no planeta e em suas paisagens. Aceitamos a tese de que o Antropoceno, enquanto era geológica, caracteriza-se pelas *titânicas*, *tirânicas* e *tanatológicas* consequências das ingerências humanas nas paisagens terrestres. *Tanto* pelo genocídio ameríndio a partir das navegações do século XV, *quanto* pelo despejo colossal de gases de efeito estufa a partir da

revolução industrial, e *ainda* pelas invisíveis e mortíferas nuvens radioativas produzidas pela explosão das bombas atômicas ou de desastres nucleares como Chernobyl ou Fukushima. Tais eventos somam-se aos evidentes impactos geológicos e biológicos que as atividades humanas – de *humanos* – *hegemônicos* – vêm infe- rindo no planeta, alterando radicalmente as formas de *ser-com* e *estar-com* no mundo, de humanos e não humanos.

Dentre as diversas infraestruturas de relevância na Ilha de Santa Catarina capazes de interferir consideravelmente na balan- ça ecossistêmica de suas paisagens, o avanço da cidade para o mar – e seu conseqüente “vice e versa” –, a partir de obras de *aterros* que principiaram no início do século XX, certamente foi – e é – uma daquelas com maior capacidade de perturbação ecológica e marítima. Os princípios diretores da estratégia de aterramentos na ilha são inspirados por valores modernizantes e desenvolvimentistas – herdeiros brasileiros do capitalismo in- dustrial. Buscando ampliar a área terrestre a fim de acelerar o fluxo de automóveis, os aterros eram, na concepção urbanista do Estado desenvolvimentista brasileiro, infraestruturas indispensá- veis para a construção de uma malha rodoviária capaz de aportar tal paradigma. Dentre as diversas conseqüências dessa escolha está o arruinamento de ecossistemas e paisagens mais que huma- nas na baía de Florianópolis, afetando as relações de maritimida- de, perturbando a diversidade marítima, impactando a cadeia trófica e até mesmo a intensidade do fluxo das marés. Os aterros acabaram com faixas de areia em praias da ilha, impedindo e im- pactando interações sociais de pescadores e pescadoras, além de afetar consideravelmente a prática da pesca artesanal e amadora.

Aterros marítimos, complexos viários, pontes, soterramen- tos de rios... São apenas algumas das infraestruturas dos proje- tos de fazer mundo humanos praticados em Florianópolis que, apesar das singularidades de sua realização local, conectam-se a um imaginário e a conseqüências que extrapolam seu território: desde o rasgo mortífero na floresta amazônica desempenhado

pela rodovia transamazônica, à usina de Itaipu. O Antropoceno se caracteriza, entre outros fenômenos e características, por perturbações e simplificações modulares de paisagens heterogêneas, simplificações essas necessárias aos modos de produção e circulação capitalistas. Ainda assim, o produto das perturbações antropocênicas reverbera localmente, e, por isso, o Antropoceno necessita ser analisado também em contextos locais, com perturbações que variam em intensidade e em recortes menos extensos, mas não menos complexos, a fim de se atentar às dinâmicas de suas manchas (TSING *et al.*, 2019).

Observar antropologicamente e etnografar a paisagem perturbada pelos aterros, pontes e demais infraestruturas humanas, a partir de perspectivas que atentem para dinâmicas mais que humanas da Ilha de Santa Catarina, no presente e ao longo de sua história, convida-nos a ficarmos alertas em relação às manchas das paisagens arruinadas pelo Antropoceno *mais à cerca*, reconhecendo a capacidade da etnografia em acompanhar os rastros, restos, vestígios e ruínas deixadas pelo capitalismo imperialista global e seus projetos de construção e destruição local.

Ao mesmo tempo, *é indispensável acompanhar os processos de ocupação dessas ruínas por humanos e não humanos*. Identificar e descrever as novas malhas e maneiras de interação mais que humana são algumas das tarefas que cabem, também, a antropólogos. Os eventos ecológicos de nossa paisagem de pesquisa se realizam, se organizam e desorganizam a partir da assembleia entre *pescadores artesanais embarcados, pescadores que lançam seus artificios pesqueiros da ponte, marinheiros, bagres, vento, lua, corvinas, tabuinhas, andarilhos, grafites, engenheiros, ciclistas, burriquetes, rachaduras, antropólogos, o mar* e inúmeros nós a mais nessa malha dinâmica, de uma paisagem dinâmica. A partir de acordos – uns menos coesos e consensuais do que outros – se viabiliza, ou não, a coexistência de seus projetos de fazer mundo diversos. Paisagens são feitas e desfeitas por muitas trajetórias, humanas e não humanas (TSING, 2019).

Não se trata, porém, de dourar a pílula da devastação antropocênica, mas de identificar e reconhecer as ressurgências (TSING, 2019) espontâneas de vidas em ruínas com a devida atenção para que não se torne meramente uma modalidade estética de viver na era das catástrofes. É algo mais como conviver com o problema⁵ e não se entregar, mesmo quando nossa casa já fora barbarizada pelo imperialismo capitalista; é atentar às ressurgências criativas de corpos que teimam em não se dar por vencidos. Menos o romantismo da jornada do herói do que a teimosia de quem não se entrega com facilidade; menos o cinismo entorpecente do que a reafirmação da existência.

5 <https://bit.ly/3KD-cGru>

Apesar da substancial perturbação causada pelos aterramentos, a vida e a maritimidade não se extinguiram no canal. É verdade que a mancha que o Antropoceno imprime na baía de Florianópolis não atinge patamares de devastação comparáveis com, por exemplo, o ocorrido no Rio Doce após o rompimento criminoso das barragens de Mariana e Brumadinho. Ainda assim, estudos na área da ecologia (DECARLI, 2019; MOREIRA, 2011), em consonância com o Conhecimento Ecológico Local (CEL) dos pescadores e pescadoras da baía, reconhecem considerável impacto negativo naquele ecossistema não humano, tendo como consequência as infraestruturas da urbanização da ilha nas últimas décadas.

Tomo emprestado das ciências ecológicas aspectos do método de CEL para encorpar os relatos etnográficos cedidos por pescadores da baía de Florianópolis. Segundo Ivan Martins (2012, p. 9), o CEL daqueles que habitam a paisagem “é uma fonte importante de conhecimento a respeito das espécies e dos processos ecológicos”, e se define como o conhecimento singular adquirido por determinado coletivo humano que habita um ecossistema específico. Por se tratar de um conhecimento *ecológico*, diz respeito às relações mais que humanas realizadas ao longo do tempo em determinada paisagem (MARTINS, 2012). Não é raro que as informações científicas acerca dos processos ecossistêmicos de

diversas espécies ou paisagens repousem, ao fim e ao cabo, em Conhecimentos Ecológicos Locais obtidos a partir de interações de cientistas com habitantes tradicionais de paisagens multiespécies.

Nesse sentido, pescadores que habitam a baía de Florianópolis, com os quais convivi em boa parte do campo, compartilham seu CEL, narrando, quase em uníssono, histórias de abundância de vida marinha no canal em tempos passados. Era quase certo que, em determinado ponto da conversa, mesmo após *matar*⁶ peixe, manifestariam lembranças com tom de lamento de que “antigamente vinham pescar com carrinho de mão” (relato de André, em março de 2020), dada a abundância, em quantidade e qualidade – o tamanho e peso eram maiores, além da diversidade de espécies. Pude perceber, ao acompanhar as artes de pesca desempenhadas por esses pescadores, que, apesar de marginalizada pelo *grande plano*, maritimidades sobrevivem na Baía de Florianópolis.

Os próximos trechos deste ensaio são fruto das artes de notar (TSING, 2019) exercitadas a fim de contar estórias dessas maritimidades sobreviventes, coletadas e percebidas sobre a Baía de Florianópolis; estórias de práticas e maneiras de habitar paisagens em ruínas: ambientes radicalmente impactados por perturbações financiadas pelo capitalismo industrial, financeiro, globalizado, colonialista, com as bênçãos do Antropoceno. Bem como de reconhecer e contar estórias sobre performances, *affordances*, e práticas mais que humanas encharcadas de maritimidade.

Em seu ensaio-manifesto *No tempo das catástrofes*, Isabelle Stengers (2015) nos convida a refletir atenta e demoradamente sobre as incursões de Gaia e em formas de lidar com elas, comprometidos em não ceder à barbárie. Gaia pode ter mil nomes, mas a força de sua intrusão é incontrolável. Narrar histórias de ressurgências criativas pode nos ajudar a entender melhor a dinâmica das perturbações lentas, em que assembleias multiespécies ocupam paisagens arrasadas e criam estratégias de coordenação,

6 *Matar* é o termo utilizado de maneira bastante ampla pelos pescadores da paisagem pesquisada para se referir à captura dos animais marinhos.

mesmo que não intencionalmente do ponto de vista racionalista, capazes de fazer proliferar *diversidade contaminada* (TSING, 2019). Nos casos específicos deste ensaio, tentei aprender com os habitantes da paisagem do canal – tantas vezes alterada e modulada pelos planos cartesianos do racionalismo ocidental – suas técnicas, percepções (INGOLD, 2015; GIBSON, 2014) e meios de reformular a maritimidade do canal, atentando para as potências e lições que esses habitantes têm a ensinar sobre ressurgências e restauração da diversidade a partir da ocupação de uma paisagem (ainda) parcialmente arruinada.

ELES ERAM MUITOS CAVALOS⁷: EXERCÍCIOS ETNOGRÁFICOS

.o que é e modos de usar:

Chegamos. Agora que já expusemos um relato técnico e teórico sobre um fragmento da paisagem da baía de Florianópolis, convidamos para uma leitura mais aberta e inconclusiva, ao modo de perambular dos situacionistas (CARERI, 2013). Como em revistas experimentais e de ensaios⁸, ou mesmo um daqueles blogs do início dos anos 2000, a pessoa leitora, a partir daqui, poderá percorrer os fragmentos da paisagem da maneira que preferir. Pode ser que as histórias expliquem alguma coisa, mas o que esperamos de verdade é que suscitem questões, pois acreditamos que questões são a manifestação da curiosidade, indispensável ao exercício do conhecimento.

Os experimentos que seguem ecoam no diálogo entre Anna Tsing e Strathern (2019) percebendo o potencial das *comparações* para a descrição crítica de paisagens, isto é, “a arte de perceber o entrelaçamento das relações entre seres humanos e outras espécies por meio de escalas múltiplas e não aninhadas” (TSING, 2019, p. 66). Na comparação, como mobilizada por Strathern, “as ‘conexões sociais’ decorrentes da distribuição de agência são

7 O nome desse trecho homenageia livro homônimo de Luiz Ruffato que inspirou as experimentações textuais e seu espraio pelo ensaio. O livro traz trechos de laboratórios de personagens e acontecimentos que, apesar de fragmentário, consegue afetar e transmitir percepções bastante significativas sobre os eventos e personas narradas. Tentei seguir trilhas comuns...

8 Serrote e Piauí, à guisa de exemplo que inspira este antropológico.

interrompidas por ‘analogias culturais’ criadas para nos conter, forçando-nos a refletir sobre a forma como pensamos” (STRATHERN citada por TSING, 2019, p. 67).

Nesse sentido, o *lamento Itajara* é um dispositivo, “uma reificação, para fazer o que Strathern chama de analogias culturais” (TSING, 2019, p. 67). Não busco, portanto, falar pelo peixe ou pelo caranguejo, mas ampliar o campo investigativo para além dos limites que separavam os estudos sobre não humanos dos estudos sobre humanos. Ao borrar esses limites, as potencialidades de elaboração de analogias úteis são largamente ampliadas em direção ao potencial radical da antropologia – outros mundos são possíveis (TSING, 2019).

.a falta de:

é um problema de infraestrutura e é um problema que a gente precisa jogar mais LUZ pra que ele seja resolvido E LOGO né? – Cunha, tu viu no jornal da RBS que tão falando que a guarda não faz ronda lá, Cunha? Manda umas três ou quatro viatura fazer ronda lá que parece que vai ter mais filmage lá, Cunha. Manda rápido, num demora, PRA ONTEM! ✚✚✚ no pilar, ✚✚✚ no parapeito e um homem andando ao encontro de

[estouro de branco] *inclusive eles têm um trabalho, que não é deles, de acordar as pessoas que ficam dormindo embaixo das pontes aqui*

[giro de 90°] ferro cinza enferrujado, ✚✚✚ na imagem (como pintaram aquilo ali?) *a outra passarela está ali, ela está fechada, parte do concreto está quebrado, ou seja, pras pessoas NÃO PASSAREM MESMO,*

CLARO, porque oferece RISCO camaleões vermelhos subindo as pilastras, gente subindo e descendo, gente andando habitando {com [n]a}} passarela [isso não interessa, sobe a câmera e mostra

a ferrugem na estrutura, mostra a *falta de*] *as quatro passarelas deveriam ser travessias turísticas, não é mesmo? ALÉM dos pedestres, das pessoas dos trabalhadores que PASSAM:*

Ir de um local pra outro; atravessar: “passamos a cerca pra entrar na passarela”. Ir através de: “passar a linha no buraco da *chumbada*”;

Ultrapassar ou transpor algo; EXCEDER UM LIMITE: “o caminhão passou o carro; o pescador passou pela placa falsa e foda-se”.

isso poderia ser explorado, nós estamos naaaa... [movimento de “pegando no tranco”] Ilha da Magia, não é mesmo? Olha, de mágico isso aqui não tem nada.

É a realidade debaixo do tapete, né? [pantomima com as mãos]

Literalmente debaixo do tapete. Serve de dormitórios pra moradores de rua, enfim.

— É, isso aí em qualquer lugar do mundo seria uma atração turística pra você fomentar renda, movimentasse aquela região, procurassem aquela região

Político gosta de colocar nome em placa
só iremos avançar quando
partimos pra responsabilização criminal

burrice não utilizar esse EQUIPAMENTO como um..um..um
PRODUTO, uma FERRAMENTA poderia fazer tranquilamente
o trajeto de bicicleta e não o faz por MEDO

Ina-cre-ditável,

são três pontes, três enormes novelas.

.lamento Itajara

Há quem nos conheça como Mero, mas particularmente prefiro Itajara, pois remete um tempo outro, em que éramos muitos e o espectro da extinção não pairava sobre nossas cabeças, tempo em que os rituais performáticos de acasalamento bombavam e não havia dificuldade em encontrar parceiros ou parceiras sexuais, época de fartura, muito antes de vocês inventarem moda com história de aterros, shoppings centers, plástico, Arsênico e pescas industriais, desestabilizando todo o nosso ambiente, abalando as dinâmicas mais ou menos equilibradas do ecossistema, passamos a desaparecer na mesma medida e proporção daqueles outros da sua espécie que nos apelidaram Itajara, como eles, fomos caçados, como eles sofremos genocídio, como eles vimos nosso mundo ser praticamente extinto, mas assim como eles, estamos aqui, vivos pra contar histórias, revelar memórias, exprimir ontologias, reclamar nosso lugar na paisagem, porque não basta estar vivo, é preciso mover mundos para que percebam o que aqueles que nos apelidaram Itajara sabiam há muito: somos mais do que troféu, muito mais do que uma fotografia no smartphome, compomos o mosaico da vida da paisagem a qual habitamos, nos deslocamos; uma vez apagadas as linhas lentas e de tracejo elegante e forte que desenhamos com nossos movimentos subaquáticos, as consequências para o tecido da vida em seu mais amplo sentido são imprevisíveis, mas garanto que em coisa boa não dará, pois riqueza é um ponto de vista, há quem se limite em se contentar com a micro fauna representada com tinta nas notas do Banco Central – Deus é fiel! – e feche os olhos para a diversidade que empobrece no mundo de carne, ossos e espinhas de peixe, e quando seu mundo passa a ter dificuldade em deixar viver seres como eu e meus semelhantes, quando a diversidade entra em colapso e se multiplica a política da morte indiscriminada de viventes que não têm assento nas mesas de reunião de organizações mundiais ou cargos eletivos capazes de discursar em eventos solenes que decidem os rumos das vidas e das mortes, a verdadeira riqueza – a diversidade – decresce

em miséria, assume contornos raquíticos, e a vida perde em abundância, alegria, exuberância, estórias e bem estar, porque estamos todos conectados, absolutamente todos conectados: eu e meus semelhantes com seus vizinhos em manguezais, estuários, baías, costões, águas costeiras, oceanos inteiros, os ventos, as marés, até mesmo a lua bem lá longe, vocês mesmos e o que inventaram chamar “cultura” e “memória” e todo o vasto campo de “conceitos” que colam vocês no mundo e uns nos outros e conosco; por isso não basta que eu defenda apenas a vida desses que vocês chamam de minha “espécie”, eu quero defender a vida dos manguezais que me são berçário e pré-escola, dos corais que me são casa, dos menores que me são alimento e da qualidade e temperatura da água que é tanto e quase tudo pra mim, e isso tudo, essa monumental rede que nos conecta analógica e materialmente, já era percebida por aqueles que nos apelidaram Itajara, quando era comum atingirmos o tamanho que hoje espanta e provoca a admiração de vocês e que vira matéria de jornal, vejam só a que ponto chegamos, a que ponto chegaram, a que ponto.

.no baldinho Coamo FRY

Maria pisa em Alfredo que pisa em Bethânia que sufoca Iolanda que espumando pinça Marcelo que ama Silvério que acaba de ser lançado ao mar como isca pra burriquete. Viver em buraco escuro salobro barrento é bom, é quente, seguro – depende do ponto de vista, da vida interna de cada um. Pra quem é caranguejo do mangue é prato cheio. Comida não falta – nos últimos tempos com gosto de mercúrio e arsênico, é verdade. Melhor que reintegração de posse pra subir shopping e avenida pra carro, sim senhor. Duro mesmo é acreditar que vai morrer meio queimado, meio afogado em panela de água fervendo, quando na verdade é tratado a pão-de-ló embolorado, arroz e feijão adormecido e macarrão sem molho – sorte grande! – pra, no fim, desenganado, virar isca de peixe. Altos e baixos na vida, sim senhor. Melhor andar de lado que ter esperanças, te digo. Estoicismo caranguejo. Um mês na casa do

Barriga. Ele mesmo foi me tirar da toca, crê? Mãozona dentro do buraco, braço até o sovado, orelha cheia de lama, espumando ele também. Tlac-tlac!, tento mostrar quem manda, erro por pouco. Foi tudo rápido demais. Maldito. Iludiu nós tudo. Olha lá a Soraia tentando sair do baldinho, desesperada, coitada. Com sorte volto pra casa dele de novo, comida boa e sono solto. Sonhar é bom: que pessoa como eu possa viver em paz no mangue quente, cheiro morno de matéria orgânica, placenta de bichos vários, planta a dar com pau, que o que fede pra um, é eau de toilette pra outro, que um dia é da caça e o outro também. Antes de pegar no sono penso naqueles que fugiram das garras do Barriga e sinto alívio. Pode me chamar romântico, mas antes a mão dele que a pá carregadeira de uma Komatsu WA200. Porque depois do estrago vem o aterro, depois do aterro vem o concreto, a viga de metal, o vidro espelhado, iluminação de natal, a ilusão de segurança, o sonho médio, o crediário, a neve de mentira, o carrinho de supermercado, o papai Noel gigante, o subemprego, o enquadro do negro, a escada rolante, o CredCard, o tiquete de estacionamento, o estacionamento, os carros do estacionamento, a casquinha do McDonald's, o entregador de aplicativo, o soterramento de todos os meus filhos, de todos os seus filhos, a dupla morte: o cancelamento da vida.

Antes o baldinho.

.depois do vento sul

Tive um sonho essa noite. Um sonho qu'eu não consigo lembrar dele inteiro. Tipo aqueles sonho todo bagunçado, recortado e bagunçado, não tem? Como se cada parte dele fosse uma pedra de dominó e coisa, e ele inteiro as pedra tudo junto, e que daí vai misturando. Acho que é porque eu tava ansioso pra que hoje chegasse logo, e daí só fiz ter sonho agitado. E quando o sonho é agitado eu sempre lembro deles no dia seguinte como se fosse essas pedra de dominó bagunçada e coisa. Tipo, eu lembro de umas parte mais do que de outras. Como que nem naquela parte que eu tava puxando, puxando, puxando a linha e parecia que não acabava nunca, e eu puxando, e fazendo força, força pra caralho, e puxan-



do e chamando o Joel pra me ajudar porque tava foda, e nada do bocó vir me ajudar. Ele nem tava tão longe, mas eu chamava e parecia que ele não ouvia, na real. Foi aí que eu percebi que na real eu falava, mas a minha voz não saía da boca. Era uma sensação ruim do caralho, querer falar, querer gritar e a voz não sair de jeito nenhum. E o pior era que eu tava fazendo um esforço filho da puta com aquela linha na mão, que já tava vergando os dedo, não tem? Depois eu nem lembro se cheguei a puxar a linha inteira, se tinha qualquer coisa ali. Esses sonho embaralhado são uma bosta de lembrar. Tu lembra de algumas cena como se tivesse mesmo vivido aquilo que tu sonhou, mas não parece que as coisa se encaixa. É como se uma coisa não seguisse com a outra como na vida real, não tem? É estranho. Mas igual, acho que sonhei essas coisas porque tava ansioso pra hoje, pra vim pra cá pra ponte. Parte dos caras já ‘tavam aqui desde ontem de tarde. O Joel disse que chegou só de noite, porque teve que ficar esperando chegar o cara do turno da noite, que rende ele no posto. Daí então o Joel não pôde chegar antes com o resto dos caras. E ele tinha ficado puto, puto, porque antes dele chegar, já tinham pegado uns dois burriquetes dos graúdo, grandão, e a carne que os caras assaram já tava toda seca, fria e sebosa. Pelo menos a béra tava gelada, porque o Angenor tinha ganhado de aniversário de 65 anos do filho dele um cooler pra trazer a cerveja aqui pra ponte sem ela esquentar tão rápido, não tem? Então tirando a carne sebosa, o Joel não tinha muito do que reclamar, não. Menos ainda porque logo que ele chegou e arremessou a isca⁹, já conseguii ligeiro pegar um burriquete¹⁰. O Cláudio disse que não deu nem meia hora. Porra, se eu já tava ansioso antes, agora mesmo, sabendo que o mar tava bom, daí mesmo é que eu fiquei loco. O [vento] nordeste tava fraquinho, fraquinho. Nem demorei muito pra pegar a isca. Tava tão ansioso que nem prestei ‘tenção e o caranguejo pinçou meu dedo, o filho da puta¹¹. Já peguei ele mesmo e meti no anzol. É foda, mas desde moleque quando eu ia pescar c’o tio, eu nunca tive dó de pescar peixe. Na real eu gostava pra caralho. Matar e limpar o peixe pra já meter

9 Um caranguejo resignado pinçado de um baldinho Coamo FRY.

10 O burriquete em questão não tivera um dia de grande sorte: quase fígado uma vez, ganhou confiança e, apostando alto, não escapou da segunda investida contra o caranguejo-isca arremessado por Angenor.

11 *Iolanda* era o nome do caranguejo.

na brasa e coisa. Nunca tive frescura com isso não. Mas o que eu não gostava e ainda não gosto de fazer, é espetar isca no anzol. Sei lá por que disse, feio. Não fico falando muito disso pros outros, não. E não é só caranguejo vivo assim, não. Até quando a gente ia nos rio e pescava de minhoca eu tinha dó de meter o bicho no anzol. Sei lá, parece que é meio foda ser isca, não tem? Tipo, ser espetado num anzol, ser jogado na água e daí o peixe ir lá e te come e coisa. Sei lá, parece que o peixe tem mais chance do que a isca. Daí se o peixe é ligeiro, ele tem mais chance, mas a isca tá fodida de todo o jeito. Até esse filho da puta que pinçou meu dedo eu tive dó de espetar o anzol nele. Mas não tem jeito. É isso que pega os burriquetes aqui na ponte. Além do mais não tenho tanta pena assim, mas só um treco que me faz lembrar dessa parada que eu tenho desde moleque, quando ia pescar com o tio. Então eu mandei os caranguejin' pra água. Eu tava terminando de armar as taubinha e passar as linha nos ferrinho, quando o Angenor chamou os caras pra ajudar a puxar um que ele tinha acabado de ferrar. Quando eu vi, já tinha dois cara na linha, ajudando o velho, que já tava meia nau. O Joel puxando o peixe, e um outro cara que parou a bicicleta e tava ali manjando a gente pescar, com um papo que trabalhava na universidade, fazia pesquisa ali na ponte e tirando foto. Pra tudo hoje em dia a raça quer bater foto. Direto para uma raça aí de magrela pra bater foto dos peixe que a gente pega. Já tem uns e outro aí que passa até xingando. Dia desses tinha uns cara passando rapidão de bici, tudo com aquelas roupinha colorida não tem? Eram vários. Um deles se enroscou na linha tudo, saiu xingando, falando que era proibido pescar ali, o tanso. Porra, feio. Precisava passar tão rápido? Viu que a gente tava ali pescando... Era só ir mais na manha. Se tivesse na manha não tinha enroscado na linha. Difícil engolir uns cara assim. Mas também tem gente que é de boa. Passa fazendo barulho com aquelas buzininhas e coisa. Dando boa noite. Têm uns que enchem o saco, mas têm outros que são de boa. É como sempre digo: educação é tudo. E, além do mais, esse migué de ser proibido pescar na ponte, nem é pra eles

*passarem rapidão daquele jeito. É por causa dos barco que passa ali embaixo da ponte. Mas isso é só ali no vão central, tá ligado? Embarcação é só no vão central, feio. A gente que sabe não arre-messa no vão central. É um ou outro de fora, que não tá ligado, e a gente já orienta, não tem? Além do mais, esses cara das bike nem devia passar rapidão assim, porque aqui passa gente a pé também, criança, velho. A gente aqui que pesca nem atrapalha. Fica aqui parado, na manha, deixa as coisa no canto pra não virar pega ra-tão, não tem? Só quando alguém ferra algum peixe que daí fica mais movimentado, mais bagunçado. É gente pra lá e pra cá, um ajudando a puxar, outro pegando o jereré, outro amarrando uma pedra no jereré. Ficam os cara tudo pra lá e pra cá. Tipo agora que o velho fisgou um, que parecia ser grande. Quando eu tava indo pra lá pra ver se precisava que eu fizesse alguma coisa, ouvi a ta-buinha batendo. E pela batida, já manjei que tinha ferrado um dos grandes. Saí correndo pra começar a puxar. Porra, tinha sido rapidão também. Naquele dia ia ter peixe pra porra. Devia ter car-dume mariscando ali embaixo nas pilastra, não tem? Comecei a puxar a linha. Tava pesado pra porra. E foda que tava começando a enchente e a maré já tava levando as linha pra debaixo da ponte, não tem? Nem com toda chumbada tava segurando o chicote lá embaixo. Dava pra pescar e depois descer o jereré pra subir o peixe, mas tava difícil de acertar o jereré no peixe, não tem? Talvez era isso que tava deixando mais difícil de puxar o peixe. Mas como eu tava acelerado, nem senti direito. Só fiquei puxando. Depois de uns dez minuto de briga com o bicho, tava ele lá boiando na super-fície da água... Foda demais, cara... Só que feio, não era um burri-quete: **era dois!** Feio, dois burriquete numa puxada só. Nunca isso tinha acontecido comigo. Se os cara não ‘tivesse tudo ali, ninguém ia acreditar em mim. Mas quando eu vi melhor, vi que não era os dois que ‘tavam na minha linha: era um na minha linha, e outro na linha do Joel. Um dos dois deve ter enroscado um no outro, sei lá. Chamei o Joel pra me ajudar a puxar. Diferente do meu sonho, vieram ele e o cara da bicicleta. Depois veio o Angenor e outro cara*

que também tinha parado a bici. Ia ser foda subir os dois num jereré só. Não ia caber. Os bicho era grande mesmo. E eles não ia ficar tão perto assim um do outro. Depois que a gente termino a puxada, deixei o cara da bici segurando uma linha e o Joel segurando outra e fui mijar. Já tinha tomado umas quatro latinha de béra e tava numa vontade da porra de mija. Coloquei o pau pra fora, de pé ali no corrimão, e dei uma mijada no mar e depois acendi um cigarro. Quando voltei, o outro cara da bici tava procurando uma pedra pra colocar no jereré do velho pra fazer peso pra ajuda na mira na hora de acertar o peixe. E o foda que ia ter que descer dois jereré: um pra cada burriquete. Logo chegou o Beleu com uma pedra grande que não sei de onde aquele bicho tiro. Veio sorrindo, aquele sorriso meio sonso, não tem? Cara, demoro. Demoro uma meia hora, eu acho. Mas a gente conseguiu subir aqueles dois burriquete. Mesmo com aquela pedra que o Beleu trouxe, tava difícil de acertar o jereré, porque o vento tava soprano forte agora, não tem? Mas é só ter paciência. Vai na moral que uma hora o bicho entra, porque ele tá cansado. Daí é só alegria. O Joel puxo um e eu puxei outro. Bicho pesado do cacete. Quando a gente terminou de puxar os bicho, fui dar mais uma mijada e quando voltei já tinha outro cara que parou a bici pra tirar foto dos burriquetes. Ele tava usando aquelas roupinhas feia da porra. Joel todo fazendo pose e coisa. O cara disse que ia pra casa se trocar pra vim aqui pescar c'a gente. Falei que se ele viesse mesmo, era pra trazer mais gelada, que o dia tava só começando, e que ia dar peixe pra caralho.

CONCLUSÕES PRELIMINARES

Os projetos de fazer mundo desenvolvimentistas promovidos em Florianópolis no último século resultaram, entre outras consequências, no empobrecimento das relações de maritimidade em suas baías. Com isso, um vasto campo de conhecimentos teórico-práticos, culturais, ou ainda, *cosmosensíveis*, deixou de se

manifestar nos corpos dos habitantes da cidade. Essas mudanças – muitas vezes silenciosas, sorrateiras e colaterais aos efeitos que se pretendia com tais projetos de fazer mundo –, exercem influências radicais nas relações que os humanos e não humanos desenvolvem com a paisagem.

Neste ensaio, breve síntese de uma ampla pesquisa materializada na dissertação de mestrado, experimentamos maneiras de narrar a etnografia com tons literários e a partir de desenhos. Com inspiração nas artes de notar (TSING, 2019), tentamos chamar para a conversa habitantes que se comunicam com outras linguagens. Para pensar tais paisagens, fenômenos e habitantes de maneira *comparativa*, tomamos como referência termos propostos por Strathern e sua interpretação e mobilização teórica por Tsing (2019) e Swanson (2015), cientes de que “a reificação para criar comparações é útil se servir como reflexão crítica” (STRATHERN citada por TSING, 2019, p. 65). E muito embora a reificação seja alvo de críticas de que, ao estereotipar, facilite e simplifique em demasia a complexidade dos fenômenos em análise, a justaposição forçada da comparação stratherniana, em que “os objetos de pesquisa revelam as circunstâncias práticas e os hábitos de pensamento que os produziram” (STRATHERN citada por TSING, 2019, p. 65), é muito útil para a análise de paisagens, tendo em vista sua capacidade em “mostrar a diferença onde nós poderíamos ver apenas conexões” (TSING, 2019, p. 68), além de propiciar analogias que favorecem o potencial radical da antropologia: outros mundos são possíveis.

Nossa percepção, mais detida a determinado recorte de uma assembleia mais que humana em coordenação na baía de Florianópolis, aciona, ou melhor, *reforça* um alerta que há muito é divulgado pelas comunidades científicas e de habitantes dessa paisagem: as perturbações ocasionadas pelas infraestruturas humanas naquela baía estão impactando no decréscimo das diversidades ecológicas e culturais na paisagem. Como pudemos conhecer, a partir das narrativas de habitantes humanos e não

humanos, de estudos científicos e da observação em campo, a mancha que o Antropoceno imprime na baía não se realiza a partir de um evento singular, de um “gatilho” capaz de dismantelar instaneamente a malha formada por humanos e não humanos que compõe *com* a paisagem. São eventos coadunados e compassados, ao longo de décadas e além de fronteiras, uma “dose” de cada vez.

Esse ritmo parece dissimular o impacto que as escolhas humanas vêm causando. Mas basta apurar bem os sentidos e escutar com o peito aberto quem atravessou todas as mudanças e é capaz de exprimir memórias de uma diversidade sufocada. As perturbações são tão intensas e violentas que cercar pequenos retalhos da paisagem e protegê-los já não surte o efeito supostamente esperado. Elas não são mais capazes de fazer proliferar a diversidade como se desejava, ao menos a ponto de fazer frente aos impactos de morte no ecossistema da Baía de Florianópolis. Ademais, como pudemos ver, a Baía possui paisagens dentro de paisagens e, ela mesma, compõe e se conecta a outras paisagens. De que adianta retalhos de preservação se a pluma de contaminação viaja com a água e com o ar? Em termos ecológicos, já não basta *preservar*, é preciso *recuperar* (DECARLI, 2019). À essa tarefa urgentíssima é preciso mais que dar ouvidos aos habitantes tradicionais – humanos e não humanos – da paisagem, é preciso reconhecer sua voz, seus saberes, suas estratégias.

REFERÊNCIAS

- ABU-LUGHOD, Lila. A escrita contra a cultura. *Equatorial* 5(8), p. 193-226, 2018.
- ALMEIDA, Mauro. Caipora e outros conflitos ontológicos. *Revista Antropológica da UFSCar*, São Carlos, SP, v.5, n.1, p. 7-28, 2013.
- BARBOSA, Gabriel C.; DEVOS, Rafael V.; VEDANA, Viviane. Paisagens como panoramas e ritmos audiovisuais: percepção ambiental da pesca da tainha. *Revista GIZ* (on line), São Paulo, v.1, n.1, p. 41-58, 2016. Disponível em <https://url.gratis/oRFNXe>. Acessado em: 28 abr. 2022.
- BORGO, D. *et al.* Os padrões de distribuição dos peixes de uma laguna costeira aberta no Atlântico Oeste subtropical são influenciados pelas variações espaciais e sazonais? *Revista Biotemas*, Florianópolis, 28(3), setembro de 2015. Disponível em: <https://url.gratis/loef8Z>. Acessado em: 28 abr. 2022.
- CARDOSO, Thiago Mota. *Paisagens em transe: uma etnografia sobre a poética e cosmopolítica dos lugares habitados pelos Pataxó no Monte Pascoal*. 2016. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC
- CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: Editora G. Gilli. 2013.
- CARTAGENA, Beatriz F. C. *Estrutura e distribuição espaço-temporal da assembleia de peixes na região do Saco dos Limões, baía Sul – Florianópolis/SC*. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências e Tecnologia Ambiental) – Universidade do Vale do Itajaí (Univali), Itajaí, SC.
- DECARLI, Juarez C. *Efeito da urbanização sobre as comunidades de macroinvertebrados aquáticos em uma ilha subtropical*. 2019. Dissertação (Mestrado em Ecologia) – Centro de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 1998.

DELEUZE, Gilles. *Kafka: Por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

GALERA, Daniel. Ondas catastróficas. *Revista Serrote*, São Paulo, IMS, 32, p. 208-223, 2019. Disponível em: <https://url.gratis/CczQDh>. Acesso em: 28 abr. 2022.

GARCIA, Amanda Veloso. Contribuições da abordagem ecológica no entendimento da relação ser humano/ambiente: os problemas de uma abordagem racionalista do conhecimento. *Revista Clareira*, Boa Vista, v. 3, n. 1, p. 176-190, 2016. Disponível em: <https://url.gratis/bcBLW6>. Acessado em: 28 abr. 2022.

GIBSON, James J. *The ecological approach to visual perception*. Psychology Press, Classic Edition, 2014.

GOMES, Ivan. *Paisagens arriscadas: infraestruturas daninhas, assembleias multiespécies e ressurgências criativas na baía da Ilha de Santa Catarina*. 2020. Dissertação (Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC.

HARAWAY, Donna. *O manifesto das espécies de companhia: cães, pessoas e a outridade significativa*. Trad.: Sandra Michelli da Costa Gomes. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003.

HARAWAY, Donna. *Ficar com o problema*. Trad.: Ana Luiza Braga, Caroline Betemps, Cristina Ribas, Damián Cabrera e Guilherme Altmayer. São Paulo: N-1 Edições, 2021. Disponível em: <https://url.gratis/az7lHm>. Acessado em: 28 abr. 2022.

INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Trad. Fábio Creder. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

LEITE, R. Proença. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Mangetown. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.17, n. 49, p.115-172, 2002.

MARTINS, I. M. *Conhecimento ecológico de pescadores artesanais sobre peixes de interesse comercial: contribuições para o manejo e conservação na baía de Tijucas, SC*. 2012. Dissertação (Mestrado em Ecologia) – Centro de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC.

MOREIRA, Matheus C. *Diversidade, ocorrência e distribuição da fauna de invertebrados demersal das baías Norte e Sul de Florianópolis (SC), Brasil*. 2011. Dissertação (Mestrado em Ecologia) – Centro de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC.

NODARI, Alexandre. A literatura como antropologia especulativa. *Revista da ANPOLL* (on line), v. 1, p. 75-85, 2015.

SAER, Juan José. O conceito de ficção. Tradução de Joca Wolff. Florianópolis: *Sopro*, 15, p. 1-4, 2009.

SANTOS, Paulo César. *Espaço e memória: o aterro da baía Sul e o desencontro marítimo de Florianópolis*. 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC.

STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes*. São Paulo: CosacNaif, 2015.

TSING, Anna. *The mushroom at the end of the world: on the possibility of life in capitalist ruins*. Reino Unido: Princeton University Press, 2015.

TSING, Anna. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

TSING, Anna; GAN, Elaine. How things hold: a diagram of coordination in a Satoyama Forest. *Social Analysis*, v. 62, issue 4, winter 2018.

TSING, Anna; MATHEWS, Andrew; BUBANDT, Nils, Patchy Anthropocene: Landscape Structure, Multispecies History, and the Retooling of Anthropology. *Current Anthropology*, v. 60, Supplement 20, 2019.

TSING, Anna; *O antropoceno mais que humano*. In: Ilha Revista de Antropologia. Florianópolis, v. 23, n. 1, Janeiro de 2021.

UEXKÜLL, Jacob von. *Dos animais e dos homens: digressões pelos seus próprios mundos*. Trad. Alberto Candeias e Aníbal Garcia Pereira. Lisboa: Livros do Brasil, 1982.

Referências dos hyperlinks:

EM 10 ANOS, nível do mar aumentou em praias do Norte da Ilha. *Jornal Conexão Comunidade*, YouTube, 2017. Disponível em: <https://youtu.be/q7EZOpxhMxM>. Acessado em: 11 mar. 2022.

PESQUISADORES da UFSC emitem Nota Técnica sobre a lama depositada na praia da Enseada de João Paulo. *Notícias UFSC*, 2021. Disponível em: <https://noticias.ufsc.br/2021/08/pesquisadores-da-ufsc-emitem-nota-tecnica-sobre-a-lama-depositada-na-praia-da-enseada-de-joao-paulo/>. Acessado em: 11 mar 2022.

NOTA Técnica nº 05/PES/2021, de 29 de julho de 2021. Desenvolvimento e Impacto da Lama na praia do João Paulo. *Notícias UFSC*, 2021. Disponível em: <https://noticias.paginas.ufsc.br/files/2021/08/Nota-t%C3%A9cnica-05-2021-Jo%C3%A3o-Paulo.pdf>. Acessado em: 11 mar. 2022.

Revista Serrote, 2021. Disponível em: <https://www.revistaserrote.com.br/>. Acessada em 11 mar. 2022.

Revista Piauí, 2021. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/a-revista>. Acessada em: 11 mar. 2022.

IVAN GOMES – Mestre e doutorando em Antropologia Social PPGAS/UFSC; Técnico Administrativo em Educação CDS/UFSC. E-mail: ivan.gomes@ufsc.br